

Tudo bem no ano que vem

Brasil

Carlos Moura 20.09.95

Governo e empresários traçam um quadro otimista para a economia e apostam que 97 será o ano dos investimentos

Sheila D'Amorim
e Vicente Nunes
Da equipe do Correio

Junte à estabilidade política, uma economia estável e um mercado em crescimento que proporcione ganhos razoáveis no menor tempo possível. Está pronto o cenário ideal para atrair empresas e investimentos. Atualmente, segundo especialistas, poucos países no mundo conseguem conciliar esses três fatores, fundamentais para quem quer investir. O Brasil é um deles, garantem. Vem daí todo o otimismo com relação ao ano que se aproxima. A aceleração das privatizações e o interesse de empresas estrangeiras no país deverão compensar a baixa capacidade de investimento do governo provocado pelo descontrole das contas públicas. Há quem fale em números recordes para entrada de dinheiro externo. Algo em torno de US\$ 15 bilhões, quase o dobro do aplicado no país em 1996.

"No ano que vem, o crescimento da economia será sustentado pelo investimento", afirma o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros. Ele prevê a inversão do sistema atual, em que a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) se deveu ao consumo e ao crédito. A expectativa é de que a maior parte do dinheiro externo vá para os setores de infra-estrutura, especialmente estradas e portos, energia elétrica e telecomunicações.

INFRA-ESTRUTURA

Estudos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) indicam que, apenas em infra-estrutura, o País investirá quase

US\$ 100 bilhões entre 1996 e 1999. Da iniciativa privada virão pelo menos 80% desses recursos. Nos seis primeiros meses deste ano, o Banco Central registrou o ingresso no país de US\$ 3,5 bilhões, sendo US\$ 2,4 bilhões para o setor de serviços, com destaque para a energia elétrica que ficou com US\$ 1,1 bilhão.

Para as indústrias de transformação foram US\$ 1 bilhão. Nesse ramo de atividade, o fumo foi o que garantiu mais recursos externos, US\$ 250

milhões, seguido de Metalurgia/Siderurgia com US\$ 190 milhões. Para a indústria eletroeletrônica foram US\$ 171 milhões e os produtos alimentícios ficaram com US\$ 84 milhões. Os cinco países que mais mandaram dinheiro

para o Brasil nesse período foram os Estados Unidos, França, Cayman, Luxemburgo e Japão.

Além disso, o governo está apostando na formação de poupança interna, por meio da expansão dos fundos de previdência privada e de empresas emergentes, o que deverá contribuir para aumentar ainda mais a capacidade de investimentos.

"O Brasil tem tudo para viver um boom de investimentos no ano que vem", acredita José Luiz Saicali, sócio da consultoria KPMG, de São Paulo. "O País reúne as condições que o investidor quer", explica. "Nem a China nem a Argentina têm a nossa situação", diz. "Aqui há estabilidade econômica e política e uma economia com grande potencial de expansão."

CRESCIMENTO

Pelas previsões do ministro da Fazenda, Pedro Malan, a economia do Brasil deverá crescer entre 4,5% e 5% ao ano, a partir do próximo ano. Mas isso não significa que o País te-



Cenários 97



Mendonça de Barros: "No ano que vem, o crescimento da economia será sustentado pelos investimentos"

rá que conviver também com índices crescentes de inflação. "É um equívoco dizer que todo o país para crescer precisa ter um pouquinho de inflação", afirma o ministro, que projeta um índice inflacionário de 7% em 1997. "O crescimento da economia vai permitir uma melhoria na distribuição de renda", diz.

O otimismo do governo se espalha pelo setor produtivo do país. A pesquisa, Termômetro Empresarial (veja quadros) — feita pela consultoria Arthur Andersen com 132 das 500 maiores empresas privadas do país — mostra que 93% dos empresários esperam que a economia cresça 4%. Além disso, eles acreditam que aumentarão o faturamento em 15%, em média, e que a inflação ficará abaixo de 10%

Quase 60% dos entrevistados disseram que pretendem aumentar os investimentos em relação a 1996. A projeção é de uma alta de 23% no volume médio de investimento. O principal objetivo é a modernização e a racionalização da produção. Em segundo lugar, está a diversificação e expansão das atividades. A tendência desses investimentos se mantém quando se fala em longo prazo. Apenas 24% afirmam que a origem dos recursos será de financiamentos. Outros 64% dispõem de capital próprio para investir, 5% dependem de recursos externos, 3% da captação junto aos acionistas e 3% da abertura de capital.

DEMISSÕES

As perspectivas são de diminui-

ção das demissões. Pelo menos 30% dos empresários entrevistados na pesquisa disseram que pretendem reduzir as dispensas de funcionários, 21% querem aumentar o quadro de pessoal e 49% pretendem mantê-lo estável. Este ano, enquanto 25% dos empresários afirmaram ter contratado pessoal, 51% demitiram.

As antecipações salariais foram adotadas por 34% das empresas, sendo que os aumentos reais de salário beneficiaram apenas 21% dos seus trabalhadores. A grande maioria, 79%, reajustou salários em 1996 em índices iguais ou abaixo da inflação. E as participações dos empregados nos lucros foram adotadas em 73% das companhias.